

Prefácio

Este ensaio deve a sua origem a uma conversa com um amigo acerca do ensaio do Sr. Godwin sobre a avareza e a prodigalidade, publicado no seu *Enquirer*¹. Levantou-se na discussão a questão geral do progresso futuro da sociedade, e a primeira intenção do Autor era simplesmente expor por escrito as suas opiniões ao seu amigo, pensando que assim poderia fazê-lo mais claramente do que por meio de uma simples conversa. Mas à medida que o tema se desdobrava perante ele, ocorreram-lhe algumas ideias, que não recordava terem-se-lhe deparado antes, e considerando que qualquer réstia de luz sobre um tema de tanto interesse geral seria bem recebida, decidiu dar às suas ideias a forma de uma publicação.

Este Ensaio poderia, sem dúvida, ter sido completado em larga medida coligindo um número maior de factos elucidativos do seu argumento geral. Mas uma prolongada e quase total interrupção causada por certo assunto muito particular, juntamente, por outro lado, com o desejo (talvez imprudente) de não atrasar a publicação demasiado para lá do tempo de início estipulado, impediram o Autor de consagrar ao tema uma atenção exclusiva. Todavia, considera que os factos expostos demonstram suficientemente a verdade das suas opiniões a respeito do progresso futuro da humanidade. Ao contemplar presentemente tal opinião, parece-lhe que, a par da mais cursiva vi-

¹ Trata-se da obra de William Godwin *The Enquirer: Reflections on education, manners, and literature. In a series of Essays*, cuja primeira edição data de 1797. (N. T.)

são da sociedade, para a provar, pouco mais é necessário do que a simples proposição que a estabelece.

É uma verdade evidente, da qual numerosos escritores se deram conta, que a população deverá manter-se sempre abaixo do nível dos meios de subsistência; mas, que o Autor tenha presente, o que nenhum deles fez foi considerar particularmente os meios através dos quais esse nivelamento se efectua, quando são esses meios que, na sua opinião, formam o mais importante obstáculo no caminho de qualquer grande progresso futuro da sociedade. O Autor espera que, na discussão de tema tão digno de interesse, seja claro que procedeu animado somente pelo amor da verdade; e não por preconceito algum contra certo grupo particular de homens, ou de opiniões. Reconhece ter lido algumas das especulações sobre o progresso futuro da sociedade, num espírito muito distante do propósito de as mostrar como quiméricas; mas não exerceu sobre o seu próprio entendimento um domínio de molde a consentir-lhe crer sem outra prova naquilo que deseja, ou a recusar, uma vez provado, o que pudesse ser-lhe desagradável.

O quadro que pintou da vida humana tem um tom melancólico; mas o Autor tem consciência de ter extraído essas cores sombrias da realidade, e de que elas não decorrem de um estado de espírito distorcido ou de uma disposição íntima amarga. A teoria do espírito que delineou nos dois últimos capítulos dá conta, a seu ver, de modo satisfatório da existência da maior parte dos males da vida; mas terá de deixar aos leitores a incumbência de ajuizarem do seu acerto aos olhos de outrem.

Se conseguisse chamar a atenção dos homens mais capazes para o que considera ser a principal dificuldade no caminho do aperfeiçoamento da sociedade, e pudesse contribuir assim, ainda que em teoria somente, para a sua remoção, o Autor retractar-se-ia de bom grado das suas opiniões presentes, e regozijar-se-ia reconhecendo o seu erro.

7 de Junho de 1798.

Capítulo I

Os termos da questão. A escassez das perspectivas de entendimento, considerando a hostilidade existente entre as partes contrárias. O principal argumento contra a perfectibilidade do homem e da sociedade nunca teve réplica satisfatória. A natureza das dificuldades que decorrem da população. Esboço do principal argumento do Ensaio.

As grandes e nunca vistas descobertas dos últimos anos em filosofia natural, a difusão crescente do saber em geral graças à extensão da arte da imprensa, o espírito de indagação desagrilhoado e ardente que prevalece no mundo letrado e até mesmo fora dele, as luzes novas e extraordinárias que se derramaram sobre os assuntos políticos, surpreendendo e desconcertando os entendidos, e muito particularmente esse fenómeno tremendo que foi no horizonte político a Revolução Francesa, o qual, como um cometa incendiado, parece destinado ora a inspirar de uma vitalidade e de um vigor novos, ora a abrasar e a destruir a população minguada da terra, todas essas coisas contribuiram para levar muitos homens dotados à opinião de que chegámos a um grande momento assinalado por mudanças de importância maior, que, nalguma medida, seriam decisivas para o destino futuro da humanidade.

Tem-se dito que está em jogo agora a grande questão de saber se o homem continuará a avançar cada vez mais rapidamente na direcção de um progresso ilimitado e até ao momento inconcebível, ou ficará condenado a uma oscilação perpétua entre a felicidade e a

miséria, mantendo-se sempre, apesar de todos os seus esforços, a uma distância incomensurável da meta almejada.

No entanto, apesar de toda a premência com que todo o amigo da humanidade deveria visar pôr termo a esta incerteza dolorosa e apesar de todo o ardor com que um espírito inquiridor deveria saudar todo o raio de luz capaz de esclarecer a sua visão do futuro, não podemos deixar de lamentar grandemente que os autores que se ocupam desta questão maior continuem a adoptar sobre ela posições inteiramente diferentes e opostas. Os seus argumentos não são objecto de honesto exame mútuo. A questão não se refere a uns quantos pontos sucintos e claros, e até mesmo nos termos da teoria não parece haver perspectivas que nos aproximem da decisão.

Os advogados da presente ordem das coisas inclinam-se a considerar a seita dos filósofos especulativos ora como um bando de celerados astuciosos e falsos que só pregam a benevolência e pintam sedutores quadros de uma sociedade mais feliz a fim de melhor poderem destruir a ordem estabelecida e levarem a cabo os planos da sua entranhada ambição, ora como exaltados insensatos e desvairados cujas especulações néscias e paradoxos absurdos não são dignos da atenção de um homem razoável.

Os advogados da perfectibilidade do homem e da sociedade opõem ao adepto da ordem estabelecida um desprezo não menos completo. Taxam-no de escravo dos preconceitos mais miseráveis e estreitos; ou de defensor dos abusos da sociedade civil só por deles tirar proveito. Pintam-no ora como um personagem que prostitui o seu entendimento aos seus interesses, ora como alguém a quem as capacidades de espírito não estão à altura de coisa alguma que seja grande e nobre, impedindo-o de ver a mais do que um palmo de distância, vedando-lhe por completo o acesso às ideias dos benfeitores esclarecidos da humanidade.

Nestas condições de hostilidade, a causa da verdade não pode deixar de sofrer. Os argumentos realmente melhores de cada uma das partes não podem ser devidamente ponderados. Cada um persiste na sua própria teoria, sem se dar ao cuidado de a melhorar tomando em conta os argumentos do seu opositor.

O amigo do presente estado de coisas condena por atacado todas as especulações políticas. Não se dispõe sequer a examinar as bases

a partir das quais a perfectibilidade da sociedade é inferida. E menos ainda se dá ao trabalho de tentar expor em termos justos e honestos as suas falácias.

O filósofo especulativo lesa igualmente a causa da verdade. Com os olhos postos num estado mais feliz da sociedade, cujas virtudes pinta com as cores mais sedutoras, permite-se as mais contundentes invectivas contra toda a ordem estabelecida, abstendo-se de aplicar os seus talentos à consideração dos meios melhores e mais seguros de remover os abusos, aparentemente sem consciência dos obstáculos tremendos que ameaçam, até mesmo em teoria, o progresso do homem na via da perfeição.

É uma verdade admitida em filosofia que toda a teoria adequada acabará sempre por ser confirmada pela experiência. Na prática, todavia, as fricções e os pormenores circunstanciais, quase imprevisíveis até mesmo pelos espíritos de vistas mais amplas e penetrantes, são tantos que se tornam escassos os assuntos sobre os quais possa declarar-se justificada uma teoria, antes de todos os argumentos contra ela terem sido maduramente ponderados e clara e solidamente refutados.

Li com grande prazer algumas das especulações sobre a perfectibilidade do homem e da sociedade. Comprazi-me e deliciei-me com o quadro encantador que nos oferecem. Anseio ardentemente progressos tão felizes. Mas vejo a via que a eles conduz crivada de grandes e, em meu entender, insuperáveis dificuldades. O meu propósito presente é expor essas dificuldades, declarando ao mesmo tempo que, longe de exultar com elas como causa de triunfo sobre os amigos da inovação, nada me agradaria mais do que vê-las completamente removidas.

O principal argumento que aduzirei não é decerto novo. O princípio que lhe subjaz foi já enunciado, em parte, por Hume, e, mais amplamente, pelo Doutor Adam Smith. O Sr. Wallace serviu-se também dele, aplicando-o ao assunto que nos ocupa, ainda que não lhe conferindo todo o seu peso, ou não o considerando do ponto de vista mais convincente, e terá sido adoptado provavelmente por muitos outros autores dos quais nunca ouvi falar. Assim, não me ocorreria sequer a ideia de retomar tal argumento, embora pense, seja como for, examiná-lo segundo uma perspectiva diferente das suas versões